



A VIDA DE MALCOLM X: “O PREÇO DA LIBERDADE É A MORTE”

THE LIFE OF MALCOLM X: "THE PRICE OF FREEDOM IS DEATH"

Caio Henrique de Almeida¹

RESUMO

O artigo tem por objetivo refletir sobre alguns aspectos da vida de Malcolm X. O objetivo central do trabalho é apresentar Malcolm como um representante da “diáspora negra” que lutou pelo fim da supremacia branca e pelos ideais de emancipação humana. A justificativa desse trabalho é desenvolver uma reflexão crítica sobre a modernidade a partir do ponto de vista do ativista afro-americano. Outra justificativa para este trabalho se dá ao impacto que a obra de Paul Gilroy, *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência* (2012) produziu ao apresentar a modernidade aos olhos de ex-escravos, como Frederick Douglass; de ex-escravas como Margaret Garner; e os descendentes de escravos e intelectuais como W. E. B. Du Bois, Richard Wright e James Baldwin. Uma terceira justificativa é da ordem do cinema. Com a adaptação cinematográfica da vida de Malcolm X feita pelo diretor Spike Lee. O filme *Malcolm X* foi lançado em 1992 e teve o ator negro Denzel Washington como protagonista. A dramatização biográfica feita por Lee é uma experiência estética de alto nível. O filme mostra a vida de Malcolm a partir de alguns recortes históricos que procuram dar coerência ao desenvolvimento da consciência social e política do líder negro. Dessa forma, o artigo está dividido em duas partes. Na primeira parte discuto o filme de Spike Lee a partir de cinco atos. Na segunda parte, tomando como referência o livro de Manning Marable, *Malcolm X: uma vida de reinvenções* (2013), procuro elaborar uma reflexão sociológica e política sobre a vida e trajetória de Malcolm X.

PALAVRAS-CHAVE: Malcolm X. Atlântico negro. Diáspora negra.

ABSTRACT

The article aims to reflect on certain aspects of Malcolm X's life. The central objective of the work is to present Malcolm as a representative of the "Black diaspora" who fought against white supremacy and for the ideals of human emancipation. The justification for this work is to develop a critical reflection on modernity from the perspective of the African-American activist. Another justification lies in the impact of Paul Gilroy's work, *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness* (2012), which presented modernity through the eyes of former slaves like Frederick Douglass, former enslaved women like Margaret Garner, and descendants of slaves and intellectuals such as W. E. B. Du Bois, Richard Wright, and James Baldwin. A third justification is related to cinema, specifically the film adaptation of Malcolm X's life directed by Spike Lee. The film *Malcolm X* was released in 1992 and starred the Black actor Denzel Washington in the lead role. Lee's biographical dramatization is a high-level aesthetic experience. The film portrays Malcolm's life through selected historical moments that seek to provide coherence to the development of the Black leader's social and political consciousness. Thus, the article is divided into two parts. In the first part, I discuss Spike Lee's film through five acts. In the second part, referencing Manning Marable's book, *Malcolm X: A Life of Reinvention* (2013), I aim to elaborate a sociological and political reflection on Malcolm X's life and trajectory.

KEYWORDS: Malcolm X. Black atlantic. Black diaspora.

¹ Professor na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) e Rede CNEC. Mestre em Sociologia e Graduado em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: caiohtc@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

“Viu negros privados de qualquer esperança, e outros que desperdiçaram seus privilégios, suas oportunidades, seus dons. Ao andar por Washington, Boston e Nova York, as sementes de suas futuras atitudes antiburguesas foram semeadas” (Manning Marable, *Malcolm X: uma vida de reinvenções*, 2013, p. 64).

“Negro drama
Cabelo crespo
E a pele escura
A ferida, a chaga
À procura da cura

Negro drama
Tenta ver
E não vê nada
A não ser uma estrela
Longe, meio ofuscada

Sente o drama
O preço, a cobrança
No amor, no ódio
A insana vingança”.

(Racionais MC's, *Negro Drama*, 2002, Nada como um dia após o outro).

Em uma das várias interpretações da relação senhor-escravo de Hegel, o filósofo coreano Byung-Chul Han (2017, p. 41) afirma que essa dialética “denota uma luta de vida e morte”. Dessa maneira, seria o “medo da morte” que levaria o escravo a submeter-se ao senhor. Segundo Han, a relação dialética de Hegel determina que “o estopim da luta entre a vida e a morte “não é a superioridade física”. O decisivo nesta relação seria a “capacidade da morte” - “Quem não tem a liberdade frente à morte não ousa viver”. Assim, na interpretação de Hegel feita por Han, na relação entre senhor-escravo nos mostra que o escravo, em vez de caminhar consigo mesmo até a morte, permanece para em si mesmo dentro da morte. Como veremos, a morte para Malcolm X será o preço pago à liberdade.

A letra da música do Racionais fala sobre as condições sociais de um homem negro. O trecho que separei para compor a epígrafe deste trabalho, tem a intenção de mostrar os efeitos do racismo na formação do caráter da pessoa negra. A alegoria do “negro drama” carrega traços de gênero, raça e classe, que segundo a pensadora feminista bell hooks (2013, p. 20) seria a forma



de um “verdadeiro reconhecimento das diferenças”. Mobilizo os ensinamentos da professora Hooks porque ela, como feminista afro-americana, tornou-se uma importante referência para mim como homem branco e professor de Sociologia no Ensino Médio. Além disso, sua teoria feminista articula-se com as ideias que serão apresentadas neste trabalho. Uma vez que, a perspectiva da “descolonização” do pensamento está presente tanto em bell hooks quanto em Malcolm X.

Dessa forma, o artigo tem por objetivo falar sobre a vida de um negro em particular: Malcolm X. O objetivo central do trabalho é apresentá-lo como um representante da “diáspora negra” que lutou pelo fim da supremacia branca e pelos ideais de emancipação humana.

A justificativa desse trabalho é desenvolver uma reflexão crítica sobre a modernidade a partir do ponto de vista de um ativista afro-americano. Outras duas justificativas para este trabalho foram o impacto que a obra de Paul Gilroy me causou ao apresentar a modernidade aos olhos de ex-escravos, como Frederick Douglas; de ex-escravas como Margaret Garner; e os descendentes de escravos e intelectuais W. E. B. Du Bois, Richard Wright e James Baldwin. Uma terceira justificativa é da ordem do cinema com a adaptação cinematográfica da vida de Malcolm X feita pelo diretor Spike Lee.

Como mostra Vladimir Miguel Rodrigues (2010, p. 119) o diretor Spike Lee é conhecido mundialmente pelo estilo de fazer filmes focado na temática étnico-raciais. Após lançar *She’s gotta have it* em 1987, o diretor negro dos EUA teve uma carreira meteórica. Vieram, então, *Do the right thing* (1989), *Jungle fever* (1991) e *Clockers* (1995), todos abordando o caldeirão racial em explosão nos EUA. Em *Milagre em Sant’Anna* (2009), Lee, aborda o racismo nas fileiras do Exército dos EUA durante campanha na Itália na Segunda Guerra Mundial. No seu último filme *BlacKkKlansman* (2018), o diretor retrata a vida de Ron Stallworth, um policial negro do Colorado que conseguiu se infiltrar na Ku Klux Klan. Após alguns meses de investigação, Ron se torna influente na seita e acaba sabotando uma série de linchamentos e outros crimes de ódio.

O filme *Malcolm X* foi lançado em 1992 e teve o ator negro Denzel Washington como protagonista. A dramatização biográfica feita por Lee é uma experiência estética de alto nível. Digo isso porque quando assisti ao filme, não conhecia a vida de Malcolm além de alguns recortes históricos. Após assisti fiquei maravilhado com a trajetória de vida desse rapaz. Principalmente com a sua conversão ao Islã e com a sua precoce morte.

Após rever o filme feito por Spike Lee (1992) me entreguei a leitura da grandiosa obra de Manning Marable, *Malcolm X: uma vida de reinvenções* (2013). Este livro com mais de 600 páginas é resultado de décadas de pesquisas historiográficas e biográficas que procuraram reconstituir a



vida e morte de Malcolm. Ganhador do prêmio Pulitzer de 2012, o texto está dividido em 16 capítulos que acompanham ano a ano a vida de do líder negro.

Dessa forma, o artigo está dividido em duas partes. Na primeira parte discuto o filme de Spike Lee. Na segunda parte, procuro elaborar uma reflexão sobre a vida e trajetória de Malcolm X.

2 A REPRESENTAÇÃO DE SPIKE LEE: UMA VIDA EM CINCO ATOS

De acordo com Vladimir Miguel Rodrigues, em sua dissertação *Malcolm X: entre o texto escrito e o visual* (2012), Spike Lee criou uma interpretação da vida de Malcolm, selecionando eventos reais e imaginativos. Buscando dar uma coerência a narrativa do filme, Lee procurou construir a imagem de um homem negro com a personalidade forte e com grande capacidade de liderança.

Como mostra Rodrigues (2012) o filme pode ser dividido em cinco momentos: i. A simbologia da alienação; ii. A doutrinação; iii. O discurso radical contra os brancos e o caos da comunidade negra; iv. A chegada a Meca e a transformação do discurso e v. O assassinato.

No primeiro momento da vida de Malcolm que simboliza a alienação, Rodrigues (2012) acredita que Spike Lee recorreu à metáfora do “cabelo liso” para representar esse período da vida do jovem Malcolm X. Durante a juventude, como mostra o filme, Malcolm procura alisar seus cabelos crespos com produtos químicos para ficar parecido com o cabelo de um homem branco. A ideia de alisar o cabelo para parecer “bonito” de acordo com os padrões de masculinidades branca. Nas palavras do próprio Malcolm:

Minha primeira olhada no espelho fez o sofrimento dissipar. Eu tinha visto alguns cabelos alisados e bonitos, mas quando é a primeira vez, na sua própria cabeça, a transformação, após uma existência de embaraçamentos, é surpreendente. O espelho refletiu Shorty atrás de mim. Ambos estávamos sorrindo e suando. E minha cabeça estava coberta por estes cabelos vermelhos – vermelhos mesmo - grossos e sedosos, tão lisos quanto os de qualquer branco. Como eu era ridículo! Estúpido o suficiente para ficar lá simplesmente perdido, admirando meus cabelos, que agora pareciam de branco, refletidos no espelho no quarto de Shorty. Eu jurei nunca mais deixar de alisar meus cabelos, e eu nunca deixei por muitos anos. Este foi meu primeiro passo realmente importante para a autodegradação: quando eu suportei toda aquela dor, literalmente queimando minha carne, para ter meus cabelos parecidos com os do branco. Eu tinha me juntado a essa multidão de homens e de mulheres Negros da América que são forçados a acreditar que as pessoas negras são “inferiores” - e que as pessoas brancas são “superiores” - e que eles chegarão até mesmo a violar e mutilar seus corpos criados por Deus para tentarem parecer “bonitos”, segundo os padrões dos brancos (Halley, 1965 apud Rodrigues, 2012, p. 137-138).



Este momento da vida do jovem futuro ativista se passa na cidade de Boston em meados da década de 1940. Em uma das cenas do filme, logo após limpar o produto químico de seus cabelos, ele olha para o espelho da barba e diz: “Parece branco, né? Tudo bem! Bom, tudo legal! Tudo nos conformes!”.

Spike Lee procura representar a juventude “alienada” de Malcolm X, pouco antes da sua prisão, através de cenas que mostram a relação contraditória que o jovem negro tinha com sua própria identidade de afro-americano. O flerte com os valores de branquitude foi um recurso utilizado no trabalho cinematográfico de recriar os anos de juventude, ambiguidades e a procura por reconhecimento.

O segundo momento escolhido por Lee conforme escreve Rodrigues (2012, p. 141), se passa na prisão. É neste contexto que marca “a doutrinação de Malcolm” ao islã e o desenvolvimento de uma consciência racial. O filme o mostra sendo acompanhado pelo amigo doutrinado Baines até a biblioteca do presídio. Spike Lee tentou criar uma cena que representasse o maniqueísmo entre o Bem e o Mal; Branco e Negro. Dessa forma, a câmera focaliza o diálogo entre Malcolm e Baines quando abrem um dicionário e Baines pede a Malcolm para ser o verbete black:

Destituído de luz, desprovido de cor, encoberto pela escuridão, por consequência, totalmente, sombrio e obscuro como ‘O futuro parecia negro.’ ‘Sujo de terra’, imundo. Escuro, hostil, medonho como ‘um dia negro’. Pérfido ou excessivamente perverso como em “crueldade negra”. Indicando desgraça, desonra ou culpa”. E há ainda outras: Blackmail (chantagem). Blackball (votar contra). Blackguard (vilão) (Rodrigues, 2012, p. 141).

Após a leitura do verbete, Baines pede a Malcolm para ler o verbete White: “A cor da neve pura. Refletindo todos os raios do espectro. O oposto do preto. Sem mácula ou defeitos. Inocente. Puro. “Sem más intenções. Inofensivo. Honesto, correto e decente”.

O binarismo entre black e white será um recurso utilizado no resto do filme. A ideia de representar esta dicotomia é uma estratégia do diretor para conduzir a narrativa da vida de Malcolm em torno do “ódio aos brancos” e aos ideais de segregação racial.

O terceiro momento selecionado pelo diretor Lee na interpretação de Rodrigues (2012, p. 144) é quando Malcolm adota um discurso radical contra os brancos. Logo após a saída da prisão, convertido ao Islã e integrando a Nação do Islã, Malcolm retorna ao Harlem, Nova York, onde em breve assumirá a responsabilidade pela Mesquita N° 7. Antes disso, o filme se preocupa em mostrar



como a realidade degradada na comunidade negra da época, impactou e mobilizou a radicalidade das ideias de Malcolm em relação aos brancos. Como mostrar essa passagem feito em voice over quando o personagem representado pelo ator Denzel Washington caminha por uma rua de Harlem:

O que aconteceu com nossas mulheres? Elas poderiam ter sido médicas, advogadas ou professoras ou mães. Quem vai criar nossos filhos? O que aconteceu com nossos homens? Homens que poderiam ter sido matemáticos, eletricitas, médicos. O que o garotinho vai fazer enquanto espera seu pai que está na cadeia? O que a garotinha vai fazer enquanto espera sua mãe que saiu pra se vender?

Com essas indagações a respeito de homens e mulheres negras, Spike Lee tem a intenção de mostrar para quem assististe ao filme, como Malcolm X consolidou a perspectiva “demoníaca” em relação, principalmente, aos homens brancos. (Rodrigues, 2012, p. 146).

A penúltima seção escolhida para representar a trajetória de vida do líder mulçumano foi a sua viagem até Meca. Essa viagem foi responsável por significativas transformações no pensamento de Malcolm. Mudando completamente sua visão sobre o Islamismo. Lee procurou retratar essa experiência e mudança de personalidade, extraindo um relato da autobiografia de Malcolm X escrita por Alex Halley:

Ora, você pode estar chocado com estas palavras, mas eu comi no mesmo prato, bebi no mesmo copo e rezei para o mesmo Deus que Muçulmanos, cujos olhos eram azuis, cujo cabelo era loiro, e cuja pele era de um intenso branco. E nós éramos verdadeiramente todos irmãos. Povos de todas as cores e raças acreditando em um único Deus, em uma única humanidade. Cada hora nesta terra sagrada me oferece uma maior compreensão espiritual do que está acontecendo na América. O negro americano nunca poderá ser responsabilizado por suas animosidades raciais. Ele está apenas reagindo aos anos de opressão e discriminação. Mas como o racismo conduz a América ao caminho do suicídio, eu acredito firmemente, a partir das experiências que eu tive com eles, que os brancos da geração mais nova, nas faculdades e nas universidades, verão os presságios, e muitos deles se voltarão para caminho espiritual da verdade - a única maneira deixada para a América evitar o desastre ao qual o racismo deve inevitavelmente levar (Halley, 1965 apud Rodrigues, 2012, p. 149).

Concordando com Rodrigues (2012, p. 149), Spike Lee “conseguiu, por meio do cinema, criar uma substancial alegoria” sobre a transformação na consciência política e social de Malcolm, que numa outra fase da vida “chamava o homem branco de “demônio”, mais que agora mudava significativamente seus conceitos e compartilhava do pão e do vinho com homens de todas as cores”. Neste momento, o binarismo que estrutura a narrativa é deixado de lado.



Por fim, o último momento selecionado por Spike Lee é a cena que procura reconstituir o assassinato de Malcolm X no dia 21 de fevereiro de 1965. Um fato importante a se considerar, é que ele já estava preparado para morrer. Como revela esse trecho da sua autobiografia:

Eu estou apenas encarando os fatos quando eu sei que qualquer momento, ou qualquer noite, poderia me trazer a morte. Isto é particularmente verdadeiro desde a última viagem que eu fiz para o exterior. Eu vi a natureza das coisas que estão acontecendo, e eu ouvi coisas de fontes confiáveis. Especular sobre a morte não me incomoda como poderia fazer com determinadas pessoas. Eu nunca tive a impressão que eu viveria até me tornar um homem idoso. Mesmo antes de eu ser Muçulmano - quando eu era um garoto de programa na selva do gueto, e depois um criminoso na prisão, sempre pairou em meu pensamento que eu teria uma morte violenta (Halley, apud Rodrigues, 2012, p. 151).

Spike Lee criou sua própria versão sobre o assassinato de Malcolm. Nas palavras de Rodrigues (2012, p. 152) “o diretor começou a monta a tragédia que marcou o final de vida de Malcolm” após sua volta para Nova York depois de ter viajado para Meca. Após o retorno, o líder negro não deve descanso. Foi perseguido por membros da Nação do Islã e monitorado pela CIA que grampearam seu telefone. A intenção do Lee foi representar o ambiente hostil que Malcolm estava vivendo nos dias que antecederam sua morte. Como a cena onde sua casa é queimada.

Na cena do assassinato, a esposa e as filhas de Malcolm dirigem-se para seus lugares, logo nas primeiras fileiras. Como descreve Rodrigues (2012, p. 158) “quando uma das garotas deixa cair sua boneca no chão” um homem negro pega a boneca e devolve para a garota. Ele dá um sorriso forçado para a menina. Este homem será um dos algozes de Malcolm.

Malcolm X aguarda a hora do seu pronunciamento. Neste momento, a câmera focaliza os presentes – o salão Aubudon está lotado. Os quatro homens negros envolvidos no assassinato são focalizados. Chega a hora do pronunciamento: “As-salaam alaikum” (“A paz de Deus esteja com você”), declarou Malcolm em árabe. “Walaikum salaam” (“Esteja ela com você também”), responderam centenas de pessoas. Antes que ele pudesse continuar, houve um distúrbio na plateia, ao fundo um homem gritou “Tire as mãos dos meus bolsos!”. Com a confusão instalada, Malcolm estava de pé no palco quando o homem que instante antes havia recolhido a boneca de sua filha no chão retira uma arma do bolso da jaqueta e dispara contra o corpo de Malcolm, que cai no chão. Em seguida dois homens negros se aproximam do palco e atiram novamente contra o corpo com a tentativa de finalizar o trabalho de execução. Spike Lee utilizou de vídeos contendo cenas da época para dar mais veracidade a representação cinematográfica.

Na última cena do filme, Denzel Washington é carregado na maca até uma ambulância. No hospital, um homem branco vem a público e anuncia: “O cavaleiro que os senhores conheciam



como Malcolm X está morto”. Por fim, a cena continua com um vídeo original que traz um depoimento de Martin Luther King:

O assassinato de Malcolm X foi uma tragédia lamentável. E ele revela que há ainda muitas pessoas em nossa nação que degeneraram ao ponto de expressar discordância com assassinato e que nós não aprendemos a discordar sem sermos violentamente desagradáveis.

A vida de Malcolm a partir do ponto de vista do diretor Spike Lee é uma das várias possibilidades de interpretação. Por meio da arte cinematográfica, o diretor tentou dar a sua versão dos fatos. Dentro da complexidade que é a vida humana, particularmente a de Malcolm, não é possível constituir totalmente trajetória de uma pessoa, de modo que, alguns fatos foram selecionados e outros negligenciados.

De qualquer forma, acredito que o filme é um ótimo material de análise, possibilitando uma reflexão sobre a constituição de sujeitos políticos, a construção de identidades, os engajamentos políticos e os processos de conscientização racial. Um exemplo de como isso é verdade, aconteceu na cerimônia de premiação do Oscar de 2019. Ao receber o prêmio por “Melhor Roteiro Adaptado” por *BlacKkKlansman*, Lee disse:

A palavra hoje é 'ironia', o dia, 24. O mês fevereiro, que também é o mês mais curto do ano, que também é o mês da História Negra. O ano, 2019. O ano, 1619. História. 1619-2019, 400 anos. Quatrocentos anos. Nossos ancestrais foram roubados da Mãe África e trazidos para Jamestown, Virgínia, escravizados. Nossos ancestrais trabalharam na terra de antes do nascer do sol até depois do pôr do sol. Minha avó, que viveu até os 100 anos, se formou no Spellman College apesar de sua mãe ter sido escrava. Minha avó que economizou 50 anos de seguro social para colocar seu primeiro neto – ela me chamava de Spikie-poo – no Morehouse College e na NYU para estudar cinema. NYU! Antes do meu mundo hoje, louvo nossos ancestrais que construíram este país no que ele é hoje e no genocídio de seus povos nativos. Somos todos conectados com nossos ancestrais. Vamos reganhar nosso amor e sabedoria, vamos reganhar nossa humanidade. Vai ser um momento poderoso. A eleição presidencial de 2020 está virando a esquina. Vamos nos mobilizar. Vamos ficar do lado certo da história. Fazer a escolha moral entre amor e ódio. Vamos fazer a coisa certa! Vocês sabem que eu tinha que falar isso aqui.

3 MALCOLM X: “O ÓDIO PRODUZIDO PELO ÓDIO”

“A apresentação de uma persona pública torna-se assim um motivo fundador dentro da cultura expressiva da diáspora africana” (Paul Gilroy, *O atlântico negro*, 2012, p. 151).



É possível identificar na trajetória de Malcolm X alguns elementos que o colocam como um legítimo representante do atlântico negro. Encontramos no livro de Paul Gilroy (2012) várias definições para o conceito do “atlântico negro”. Em sua origem dirá Gilroy (2012, p. 35), estão “negros disperso nas estruturas de sentimentos, produção, comunicação e memória”. Em vários momentos, o autor pontua que o “radicalismo do atlântico negro” está na capacidade de oferecer utopias ao mundo.

Além da revolta e do radicalismo, Malcolm também possuía utopias. Uma delas, talvez a mais importante, era defender uma sociedade só para negros e negras. Na maior parte dos discursos religiosos e políticos, o líder mulçumano, argumentava a favor da criação de um estado-nação segregado racialmente. Mesmo que polêmica, essa utopia não deixou de alimentar os corações e mentes de milhares de afro-americanos durante a década de 1960.

Malcolm nasceu no dia 19 de maio de 1925 em Omaha, Nebraska. Em 1941 passou a viver em Boston. Passou o resto da vida em Harlem, Nova York onde morreu aos 39 anos brutalmente assassinado. Sua história é uma fonte de inspirações e ideais de negritude para toda uma geração de afro-americanos. Nos finais dos 1960 seu pensamento “tornou-se conhecido por suas críticas desafiadoras aos líderes de direitos civis e aos políticos brancos” (Marable, 2013, p. 15).

Malcolm X foi um sujeito radical. Seu desejo era pela revolução e a sua agência era pela transformação. Deseja para os outros aquilo que também desejava para si. Sua vida foi repleta de mudanças e reinvenções até encontrar um modelo de identidade que pudesse lhe oferecer determinada segurança ontológica (Giddens, 2003):

O vigarista ou delinquente que “contornava o problema” era a personificação do oportunista que aproveitava dos outros para alcançar seus objetivos. Malcolm logo seria obrigado a escolher qual desses modelos de masculinidade negra adotaria (Marable, 2013, p. 75)

A constituição da sua personalidade, assim como da sua identidade não foi livre de contradições. O seu ódio aos brancos também é parte da própria ambivalência do seu projeto político e religioso. Sendo um produto do gueto moderno, uma antinomia da modernidade (Gilroy, 2012) a “raiva que expressava era uma reação ao racismo de contexto urbano”. Malcolm X é produto de um contexto social segregado racialmente. Conviveu como as “escolas urbanas segregadas, moradias de baixa qualidade, altas taxas de mortalidade infantil, drogas e crime” (Marable, 2013, p. 16).



A crítica radical proferida aos valores e as instituições brancas foram uma marca nos discursos e na personalidade de Malcolm. Ele via nela, um importante elemento na luta pela garantia de direitos civis e emancipação negra. Uma estratégia usada para fugir da opressão racial, dirá ele, seria uma necessária “rejeição fundamental dos valores brancos”.

Nos discursos de Malcolm os “brancos” eram representados na figura do “demônio”: “a arma mais poderosa do demônio”, escreverá ele numa carta em 14 de novembro de 1950, “é a sua capacidade de tornar nosso pensamento em algo convencional” dessa forma “continuamos a ser deliberadamente servos humildes das ideias alheias, exceto das nossas...fizemos de nós mesmos os escravos desvalidos do desgraçado mundo ocidental”. (Marable, 2013, p. 113). Encontramos nesta passagem algo que se aproxima da ideia de dupla consciência. Conforme mostra Gilroy (2012, p. 249) ela “emerge da simbiose infeliz entre três modos de pensar, ser e ver”. O primeiro modo é “radicalmente particularista”. O segundo é nacionalista, “porque deriva mais do estado-nação, na qual se encontram os ex-escravos, mais ainda não cidadãos do que de sua aspiração por um estado-nação própria”. E o terceiro modo é “diaspórico” – “às vezes global e ocasionalmente universalista”.

Além disso, Malcolm relaciona-se com a política da transfiguração. Para Gilroy (2012, p. 96-97) esta forma de fazer política contribuiu para “revelar as fissuras internas no conceito de modernidade”. A política da transfiguração “recusa-se a aceitar que a política seja um domínio prontamente separável”. Com isso, ela deseja “conjurar e instituir os novos modos de amizade, felicidade e solidariedade consequentes com a superação da opressão social sobre a qual se assenta a modernidade e sua antinomia do progresso racional, ocidental, como barbaridade excessiva”.

Complemento esse ponto de vista Stuart Hall (2003, p. 30-31) afirma que a modernidade é constituída partir de um “mito fundador com violência”, no sentido, de ter criado uma sociedade “a partir de violações”. Hall, está pensando a modernidade em relação ao papel da escravidão na formação do Caribe. De acordo com ele, os escravos e as escravas são “os recrutas da modernidade”. (Hall, 2003, p. 32).

A articulação das ideias de Gilroy e Hall, para os objetivos desse trabalho, é fundamental para a compreensão da persona pública incorporada na representação de Malcolm X. Mesmo não utilizando do arcabouço acadêmico, o líder mulçumano produzia seus discursos e direcionava sua prática, conforme os preceitos da política da transfiguração na busca da superação da opressão racial. Mesmo assim, ele acreditava que uma vez solucionada os problemas sociais, os negros e



negras não estariam verdadeiramente libertos porque a questão racial permaneceriam sendo um elemento de desigualdade, opressão e violência.

Encontramos em (Gilroy, 2012, p. 99) uma passagem que complementa essa reflexão, que afirma que “a memória da escravidão”, por sinal muito utilizada por Malcolm X, quando “ativamente preservada como recurso as necessidades (redefinidas) de seres humanos que emergiram quando a violência – epistêmica e concreta – da tipologia racial chegar ao fim”, teremos a razão “reunificada com a felicidade e a liberdade dos indivíduos e o reino da justiça no âmbito da coletividade”.

Se levar a sério os ensinamentos de Anthony Giddens em *Modernidade e identidade* (2003), Malcolm X, durante a sua vida elaborou um processo de reflexividade de si que o permitiu se autoinventar. Sua identidade foi forjada por meio de estratégias eficazes que deu a ele a oportunidade de alcançar “os setores mais marginalizados da comunidade negra, oferecendo uma justificativa para suas esperanças” (Marable, 2013, p. 21). Como mostra Gilroy, a:

identidade negra não é meramente uma categoria social e política a ser utilizada ou abandonada de acordo com a medida na qual a retórica que a apoia e legítima é persuasiva ou institucionalmente poderoso. Seja o que for que os construcionistas radicais possam dizer, ela é vivida como um sentido experiencial coerente (embora nem sempre estável) do eu (self). Embora muitas vezes seja sentido como natural e espontâneo, ela permanece o resultado da atividade prática: linguagem, gestos, significações corporais, desejos (Gilroy, 2012, p. 209).

Segundo os ensinamentos de bell hooks (2013, p. 120) a identidade política dos sujeitos “nasce da luta de grupos oprimidos ou explorados para assumir uma posição” na estrutura social “a partir da qual possa criticar as estruturas dominantes”. Dentro dessa política de identidade os sujeitos procuram por “uma posição que dê objetivo e significado à luta”. Por isso a conversão de Malcolm ao islamismo é um elemento chave para compreender sua trajetória.

Da infância e juventude marginalizada até torna-se ministro da Mesquita N° 7 em Harlem (Nova York), e o segundo na hierarquia da Nação do Islã atrás do seu guru espiritual Elijah Muhammad. Penso este processo de conscientização da luta por direitos as comunidades negras sofridas pelo jovem Detroit Red, representa um intenso processo de reflexividade até vir a tornasse o líder mulçumano Malcolm X. Dessa maneira, é possível perceber na sua conversão ao islã um compromisso total que deu a ele a oportunidade:

para fazer uma mudança geral em seu futuro. Malcolm – Detroit Red, Satã, trapaceiro, gigolô, viciado em drogas e traficante, amante homossexual, sedutor de mulheres,



vigarista do jogo, arrombador de casas e ladrão condenado – estava convencido da necessidade de uma revolução em sua identidade e em suas crenças (Maragle, 2013, p. 94).

Em uma palestra em 10 de novembro de 1959 em Detroit - o então ministro – agora encarregado de espalhar os ensinamentos de Eliah Muhammad e divulgar a religião islâmica pelos Estados Unidos, dirá aos presentes que o Islã “espalha-se como um incêndio, despertando e unindo grupos onde quer que se faça ouvir”.

Em Boston, na década de 1940, Detroit Red era um jovem negro sem grandes expectativas com a vida. Não se interessava por política. Apesar de alienado as “lições que recebera na infância sobre o orgulho e autossuficiência dos negros não tinham sido inteiramente relegadas” (Maragle, 2013, p. 65). Ao se mudar para Harlem, Nova York, Malcolm X encontrou um ambiente cosmopolita da atividade política negra, não apenas nos Estados Unidos, mas para o mundo todo.

Como mostra Maragle (2013, p. 69), a região de Harlem, “estabeleceu um modelo dinâmico de reforma social e de protestos urbanos que se repetiria por todo o país”. Era difícil não ser influência pela “agitação social, feita principalmente por associações locais” que acabaram culminando com uma “série de manifestações bem divulgadas, seguidas de insurreição urbana”. Dessa forma, o sucesso que Malcolm posteriormente viria a ter em Nova York, “baseava-se no que acontecia fora da mesquita” onde costuma proferir seus sermões. Sua influência ocorreu também devido as “condições que a maioria dos negros enfrentam na vida diária” (Maragle, 2013, p. 141). Em síntese:

os negros eram barrados na maioria dos lançamentos imobiliários privados e empurrados para guetos como o Harlem. O zoneamento das escolas públicas confinava a maioria de seus filhos a uma educação inferior, e havia frequentes exemplos de brutalidade policial contra negros (Maragle, 2013, p. 147).

A partir de 1957 com a campanha pelos direitos civis, Malcolm mudou sua estratégia de pregação. Procurando expandir sua influência na comunidade negra, ele “passou a dar mais atenção à elaboração de uma mensagem popular”. Com isso, passou a incorporar em suas palestras “uma consciência, cada vez mais aguda dos acontecimentos mundiais” não deixando de relacioná-los “a situação e os objetivos dos povos oprimidos dos Estados Unidos” (Maragle, 2013, p. 150).

A professora, escritora e feminista bell hooks cresceu no Sul dos Estados Unidos na década de 1960. Ela nos revela que no “Sul, na época do apartheid, as meninas negras de classe trabalhadora tinham três opções de carreira”. Elas podiam casar, trabalhar como empregadas e se



tornar professoras de escola. Como mulheres negras, continua Hooks, aprendíamos “desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra hegemônico”. De acordo com a autora, era “um modo fundamental de resistir a todos as estratégias brancas de colonização racista” (hooks, 2013, p. 9-10).

O desejo contra hegemônico de se dedicar a vida intelectual começou quando Malcolm estava na cadeia – “Acho que ninguém jamais ganhou tanto indo para a prisão como eu” – dirá ele em um dos seus pronunciamentos (Marable, 2012, p. 108). Se a liberdade for o desejo que move as utopias, Malcolm contraditoriamente despertou esse sentimento estando preso. Como registro, confessara que “eu seria capaz de passar o resto da vida lendo”.

Após sair da prisão não deixou de se desenvolver intelectualmente. Neste momento, já era uma referência intelectual para milhares de afro-americanos.

Em um dos ensinamentos mais belos proferidos por Malcolm X escrito numa carta para o estudante afro-americano Martin Miller, em 6 de dezembro de 1963, dirá que: “Nossas raízes culturais precisam ser restauradas, para que a vida (estímulo) possa fluir para dentro de nós; porque, assim como uma árvore sem raízes está morta, uma pessoa sem raízes culturais está automaticamente morta também” (Marable, 2013, p. 310-311).

O legado, memória e a identidade de Malcolm são como raízes que se espalharam. Seus ensinamentos e prática de vida contra hegemônico são referenciais para todas pessoas que buscam por sistemas políticos alternativos. Onde a vida possa ser mais justa, digna e livre. Malcolm foi um revolucionário. Revolucionou-se a si mesmo para depois conduzir a revolução a outras pessoas. Morreu defendendo as raízes culturais que o tornaram uma das maiores lideranças negras do século XX.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “EU SOU MALCOLM X”

“Não sou antiamericano, contrário às características e aos interesses americanos, sedicioso ou subversivo. Não acredito na propagando anticapitalista dos comunistas, nem na propaganda anticomunista dos capitalistas” (Manning Marable, 2013, p. 412).

“Não estamos aqui neste comício porque já conquistamos a liberdade. Não! Estamos reunidos aqui pela liberdade que há muito nos prometeram, mas que ainda não recebemos”. (Malcolm X, Harlem, 28 de maio de 1959).



Talvez, em uma das mais belas passagens do livro de bell hooks, *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2013), ela confessa que chegou até a teoria “porque estava machucada” (hooks, 2013, p.83):

[...] a dor era tão interna que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, [...], um local de cura (hooks, 2013, p. 83).

Foi assim que me identifiquei com a trajetória de vida de Malcolm X, um afro-americano que ficou mundialmente famoso pela luta pelo reconhecimento político e social das comunidades negras. Antes de ter entrado em contato com os estudos de autores e autoras que refletem a partir de uma perspectiva pós-colonialista, não possuía o vocabulário conceitual para expressar as inquietações que se avolumarão no meu pensamento. Dessa forma, sentia-me desesperado, como bell hooks.

Após assistir ao filme sobre a vida de Malcolm, entrei num processo de cura. Na época minha única referência teórica era o estudo clássico de Florestan Fernandes, *A integração do negro na sociedade de classes* (2008). O filme deu materialidade às minhas inquietações sobre as relações étnico-raciais. Mesmo representando o contexto histórico e social norte-americano, o filme de Spike Lee, dialoga com o texto do professor Fernandes produzido na década de 1960 na cidade de São Paulo. Como mostra o professor:

Sem exagero, esse período da história social do “negro” na cidade de São Paulo merece ser considerado como o dos anos de espera. Os anos de desengano, em que o sofrimento e a humilhação se transformaram em fel, mas também incitaram o “negro” a se vencer e a se sobrepujar, pondo-se à altura de suas ilusões igualitárias. Enfim, os anos em que o “negro” descobre, por sua conta e risco, que tudo lhe fora negado e que o homem só conquista aquilo que ele for capaz de construir, socialmente, como agente de sua própria história (Fernandes, 2008, p. 117).

Malcolm, foi um homem negro pobre, que procurou conduzir sua vida de acordo com seus ideais emancipatórios. Não livre de contradições e incoerências, mas tentou ser um “agente de sua própria história”. Fez isso com a ajuda de outros negros e negras, principalmente, a de sua esposa Betty Shabazz.

A expressão “Eu sou Malcolm X” é uma tentativa de resgatar a memória e a herança do líder negro. Como dirá Manning Marable (2013, p. 401), a “grande força de Malcolm era sua capacidade de falar em nome daqueles a quem a sociedade e o Estado negavam voz por preconceito



racial”. Malcolm, “compreendia seus anseios e previa suas ações”. Terminou sua vida acreditando na possibilidade de viver numa sociedade sem racismo, “mas o que não pode prever foram os terríveis perigos à sua volta”, que o conduziram a sua morte.

Por fim, esse trabalho tinha por objetivo apresentar a figura de Malcolm X como um representante da diáspora negra. As minhas reflexões foram uma tentativa de demonstrar o “pensamento vivo” de Malcolm e a sua relação com a teoria que mobilizei para sustentar a argumentação. De qualquer forma, esse trabalho utilizou de recortes bibliográficos e teóricos que construíram a imagem de um homem negro religioso e militante dos direitos civis.

Como toda imagem baseada em recortes, o trabalho apresenta inconsistências referenciais e teóricas. Mesmo assim, escrever esse artigo foi uma experiência feliz e construtiva. Acreditando no “processo de cura” tão bem colocado pela professora bell hooks, é possível afirmar que após a leitura dos textos sugeridos pela professora Miriam Adelman na disciplina sobre “Teoria Sociológica Contemporâneas” e depois de conhecer um pouco sobre a vida e o legado de Malcolm X, sinto-me curado.

Neste sentido, dirá hooks – “é preciso deixar de ser objeto do conhecimento para se tornar sujeito do conhecimento”. Entendo que “ser um sujeito do conhecimento” é quando somos afetados pela teoria. E este afeto é que cura, mas também é o que transforma. Por isso, todos que se identificam com a vida e obra de Malcolm Little podem afirmar a plenos pulmões – “Eu sou Malcolm X”.

REFERÊNCIAS

BROWN, Mano; ROCK, Edi. Negro Drama. **Nada como um dia após o outro**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.

HAN, Byung-Chu. **Agonia do eros**; tradução Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.



hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MALCOLM X. Direção: Spike Lee. Warner Bros. Pictures, 1992, 202 min.

MARABLE, Manning. **Malcolm X:** uma vida de reinvenções. Tradução Berilo Vargas. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais:** uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

HALL, Stuart; SOVIK, LIV (org). **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Editora Autêntica: 2001. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

RODRIGUES, Vladimir Miguel. **Malcolm X:** entre o texto escrito e o visual. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2010.

Enviado em: 12/12/2024

Aceito em: 17/03/2025